



A Teologia Mística como Linguagem do Sagrado

Mystical Theology as the Language of the Sacred

Guilherme Afonso Pereira Palacios

Resumo: No cristianismo místico, a noção de trevas é reinterpretada por Pseudo-Dionísio Areopagita, que a associa a uma experiência transcendental da presença divina, distinta da concepção de ignorância e sofrimento encontrada no Espiritismo ou no Budismo. Areopagita defende a Teologia Apofática, que busca conhecer Deus não pelo que Ele é, mas pelo que Ele não é, rejeitando qualquer tentativa de definição humana. Para ele, a verdadeira natureza de Deus está além da razão e da percepção sensorial, e a “treva mais que luminosa” representa um estado onde a alma se esvazia do conhecimento racional e se entrega ao mistério divino. A Teologia Mística propõe que a realidade espiritual transcende as limitações humanas e que a busca pela verdade envolve superar as ilusões do intelecto. A sabedoria não está na acumulação de conceitos, mas na capacidade de ir além deles, abraçando o mistério com humildade. O conceito de trevas, portanto, não se limita a um sofrimento ou ignorância, mas pode ser uma experiência espiritual superior. O ensaio sugere que a Teologia Mística deve ir além dos dogmas religiosos e promover uma vivência do divino, respeitando a diversidade de tradições espirituais e reconhecendo o mistério como revelação e inspiração.

Palavras-chave: teologia mística; areopagita; transcendental; trevas luminosas.

Abstract: In Christian mysticism, the concept of darkness is reinterpreted by Pseudo-Dionysius Areopagita as a transcendental experience of the divine presence, differing from the notions of ignorance and suffering found in Spiritsim or Buddhism. Areopagita advocates for Apophatic Theology, which seeks to know God not by what He is, but by what He is not, rejecting any attempt to define Him through human concepts. According to him, God’s true nature is beyond reason and sensory perception, and the “more-than-luminous darkness” represents a state in which the soul empties itself of rational knowledge and surrenders to the divine mystery. Mystical Theology proposes that spiritual reality transcends human limitations and that the search for truth requires overcoming intellectual illusions. Wisdom, in this context, is not the accumulation of concepts but the ability to transcend them, embracing the mystery with humility. Thus, the concept of darkness is not limited to suffering or ignorance, but can also represent a higher spiritual experience. The essay suggests that Mystical Theology should transcend religious dogmas and encourage direct experience of the divine, respecting the diversity of spiritual traditions and recognizing mystery as both revelation and inspiration.

Keywords: mystical theology; areopagite; transcendental; luminous darkness.

INTRODUÇÃO

A experiência do divino sempre foi um tema central na filosofia e na teologia, mas poucos pensadores abordaram essa questão de maneira tão radical quanto Pseudo-Dionísio, o Areopagita. Em sua **Teologia Mística**, ele propõe um caminho apofático¹, no qual o conhecimento de Deus não se dá por meio de afirmações, mas

1 Na mística cristã, a abordagem apofática busca compreender Deus por meio da negação (via negativa), reconhecendo Sua transcendência e indescritibilidade. Em vez de afirmar o que Deus é, destaca-se o que Ele não é (ex.: “Deus não é finito” ou “Deus não é limitado pelo tempo ou espaço”).

pela **negação de todas as coisas**. Segundo essa perspectiva, Deus não pode ser descrito em termos humanos com palavras ou conceitos, pois Ele transcende toda forma de existência e compreensão. Essa proposta mística de Pseudo-Dionísio se insere em um contexto histórico e filosófico no qual a busca pela verdade divina estava intrinsecamente ligada à capacidade humana de conceber e entender o mundo. Para o Areopagita, no entanto, o divino está além de qualquer possibilidade de definição. Sua teologia apofática não sugere uma falta de conhecimento, mas uma negação consciente e respeitosa das limitações do intelecto humano. A realidade de Deus, em sua totalidade, não pode ser capturada em categorias finitas, o que impõe um paradoxo intrigante: o mais próximo que podemos chegar de Deus é reconhecendo que, no fundo, **Ele** não é como nada do que conhecemos ou ainda seja restrito em uma determinada religião.

Este ensaio explorará as ideias centrais da teologia mística areopagítica, analisando seu significado e sua proposta de uma ascensão espiritual baseada no despojamento total do intelecto e dos sentidos. Em seguida, buscaremos refletir sobre como essa visão dialoga com a realidade contemporânea. Em um mundo cada vez mais marcado pela racionalização extrema e pela busca incessante por definições e certezas, a ideia de um Deus inominável e inalcançável pode parecer distante – ou, talvez, mais necessária do que nunca. Devido à intolerância religiosa e ao fato de muitas religiões elegerem como únicas verdades, a concepção de um divino que transcende qualquer definição rígida pode oferecer um caminho para o diálogo inter-religioso, a humildade espiritual e o respeito à diversidade de crenças.

Ao final, deixaremos nossas impressões sobre a viabilidade dessa abordagem para a espiritualidade moderna. Seria a via negativa uma resposta para o excesso de dogmas e informações que moldam nossa experiência do Sagrado hoje? Ou, ao contrário, sua negação radical da linguagem e do conhecimento a torna incompatível com as necessidades da vida atual? Essas são algumas das questões que iremos abordar ao longo deste ensaio.

Se, por um lado, a teologia apofática oferece um refúgio contra a rigidez das doutrinas e a fragmentação das crenças em um mundo plural, por outro, sua ênfase na incomunicabilidade do divino pode gerar um distanciamento prático da fé vivida.

A via negativa proposta por Pseudo-Dionísio implica uma ascensão espiritual que se baseia no despojamento total do intelecto e dos sentidos. Em vez de tentar conceber Deus por meio de ideias e imagens limitadas, o devoto deve, por meio da oração, da contemplação e da renúncia ao ego, purificar sua percepção até que, em última instância, alcance uma união com o divino a qual não poderá ser articulada em palavras². O caminho místico se torna, portanto, um processo de desapego, no

2 Nas religiões de matrizes africanas, os Orixás não se comunicam diretamente com as pessoas de maneira verbal, mas se manifestam por meio de rituais, oráculos, sonhos e da incorporação em médiuns, como filhos e filhas de santo. Essa forma de comunicação indireta não é exclusiva dessas tradições. Em diversas religiões, o contato com o sagrado ocorre por meio de intermediários, como profetas, santos ou médiuns, ou ainda por experiências intuitivas e simbólicas. No cristianismo, Deus se revela através de profetas e santos; no espiritismo, por meio de médiuns; e em tradições místicas, como o sufismo ou a via apofática cristã, a compreensão do divino se dá através da contemplação e da experiência espiritual subjetiva.

qual o conhecimento não é acumulado, mas progressivamente deixado para trás, até que o sujeito, desprovido de todas as suas construções mentais, possa entrar em contato com o mistério absoluto e vivenciá-lo.

O ser humano, em sua busca pelo sagrado, muitas vezes necessita de símbolos, ritos e narrativas que forneçam um alicerce para sua espiritualidade. A via negativa, ao rejeitar definições concretas, corre o risco de tornar-se uma experiência mística reservada a poucos, enquanto a maioria anseia por um Deus único e exclusivo que possa ser nomeado e compreendido conforme suas expectativas humanas.

Nesse ponto, surge a tensão entre a busca pela transcendência absoluta e a necessidade humana de concretizar a experiência religiosa. A espiritualidade no cotidiano frequentemente se manifesta em práticas, sinais e representações simbólicas, uma linguagem mística, permitindo ao devoto estabelecer uma relação tangível com o Sagrado. Ao mesmo tempo, a via negativa propõe uma espiritualidade mais intrínseca e sutil, que pode parecer inacessível para aqueles que não possuem a mesma compreensão mística ou vivência transcendental. Esse caminho exige o desenvolvimento de faculdades mentais extrassensoriais, frequentemente associadas àqueles que são considerados escolhidos para atuar como porta-vozes do sagrado.

Ainda assim, em tempos de relativismo e múltiplas perspectivas sobre o divino, a abordagem apofática pode se revelar uma via de encontro, ao invés de exclusão. Ao nos lembrar de que nenhuma imagem ou conceito pode conter plenamente a essência do sagrado. Um convite ao respeito pelas diversas tradições religiosas e humildade diante do mistério. Entretanto, a questão central não é apenas se a via negativa é compatível com a espiritualidade contemporânea, mas como ela pode dialogar ou não com outras formas de conhecimento e vivências da fé, sem perder seu caráter essencialmente transcendente.

Em um mundo em que as crenças são frequentemente tomadas como certezas absolutas³, essa visão nos desafia a aceitar a pluralidade religiosa como uma expressão legítima da busca humana pelo sagrado.

Entretanto, a questão central não é apenas se a via negativa é compatível com a espiritualidade contemporânea, mas como ela pode dialogar ou não com outras formas de conhecimento e vivências da fé, sem perder seu caráter essencialmente transcendente. A espiritualidade moderna, com seu desejo de respostas práticas e imediatas, pode achar difícil abraçar plenamente uma abordagem que se caracteriza pela negação e pelo distanciamento da linguagem e das construções conceituais. A via negativa pode, portanto, parecer distante das necessidades urgentes e pragmáticas da vida cotidiana. No entanto, quando aplicada com sen-

3 As certezas absolutas tornam-se problemáticas quando envolvem a afirmação de conhecimento infalível sobre o futuro, como previsões que não se concretizam, ou a reivindicação de exclusividade da salvação por uma instituição religiosa. No primeiro caso, falsas profecias podem minar a credibilidade do discurso religioso e gerar frustração entre os fiéis, contrariando a natureza da espiritualidade, que requer humildade diante do desconhecido. No segundo, a exclusão de outras tradições ignora a diversidade da experiência do sagrado e pode levar ao dogmatismo e à intolerância. Uma espiritualidade autêntica valoriza a busca sincera pela verdade, o diálogo e o respeito à pluralidade de caminhos.

sibilidade e compreensão, pode proporcionar uma forma de espiritualidade mais inclusiva, que, ao invés de excluir, busca unir os diferentes modos de experienciar o divino.

Em última análise, a teologia mística de Pseudo-Dionísio desafia-nos a olhar para além das certezas e definições do mundo moderno, convidando-nos a reconhecer o mistério e a profundidade do divino, que sempre estará velado sob um véu que será, em sua essência, inefável.

O PARADOXO DA COMPREENSÃO DE DEUS: ENTRE O FINITO E O INFINITO

A busca por compreender Deus sempre confrontou a humanidade com seus próprios limites. Ao tentar conceituar o divino, o pensamento humano inevitavelmente se depara com contradições que, longe de serem falhas na lógica, tornam-se necessárias para expressar o inefável. Na Teologia Mística, Pseudo-Dionísio, o Areopagita, apresenta um Deus que está além de toda compreensão. Esse paradoxo fundamental indica que, para conhecê-lo, é preciso renunciar ao conhecimento; para encontrá-lo, aceitar sua ausência; para vê-lo, adentrar a treva do não-ver (Areopagita, 1996).

O paradoxo da compreensão de Deus não se restringe à teologia, mas se estende a reflexões filosóficas e epistemológicas. Ele evidencia um conflito entre paradigmas⁴, ou seja, entre diferentes formas de interpretar a realidade. O pensamento racional opera dentro de um paradigma finito, estruturado por categorias, definições e relações de causa e efeito. Deus, no entanto, pertence ao infinito, transcendendo essas estruturas lógicas. O erro não está na incapacidade do ser humano de defini-lo, mas na tentativa de confiná-lo dentro de um esquema que não pode contê-lo.

A relação entre finito e infinito é, portanto, essencial para compreender a experiência mística e espiritual. O ser humano, como criatura finita, busca um Deus infinito, e essa jornada exige a superação do próprio Eu. Pseudo-Dionísio descreve esse caminho como um processo de despojamento radical, no qual se abandona tanto o conhecimento adquirido quanto o próprio ato de conhecer. Esse desapego não implica um vazio absoluto, mas um estado de plenitude que só pode ser alcançado quando o intelecto e os sentidos se purificam pela renúncia ao Ego, aos desejos e às ilusões.

Dessa forma, o que à primeira vista parece um paradoxo se revela como um novo paradigma: uma forma de pensamento que não busca aprisionar Deus em conceitos, mas reconhecê-lo em sua completude ilimitada. A única forma de verdadeiramente “conhecer” Deus é aceitar que Ele está além do conhecimento, manifestando-se não no que afirmamos sobre Ele, mas no espaço deixado pelo silêncio, pela negação e pela entrega ao mistério da existência na vida ou na morte.

⁴ Thomas Kuhn demonstrou em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962), o paradigma científico dominante muitas vezes desqualifica experiências que não se encaixam em seu modelo vigente (Kuhn, 2013). Isso sugere que a exigência de comprovação empírica pode ser insuficiente para avaliar fenômenos espirituais, que operam em outra dimensão do conhecimento.

Ainda que Deus permaneça inalcançável em sua totalidade, o conhecimento adquirido ao longo da vida, por meio da experiência e da vivência, nos transforma a cada passo que trilhamos nesta jornada. Mesmo que nunca cheguemos à compreensão plena do divino, esse processo de aprendizado nos aproxima de sua criação e nos afasta da ignorância, permitindo-nos enxergar com mais clareza a realidade que nos cerca. À medida que expandimos nosso saber, deixamos de viver em um mundo pautado apenas por suposições ou esperanças de mudanças e passamos a atuar efetivamente na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. Esse processo de aprendizado não é apenas um esforço reflexivo teológico ou filosófico, mas uma mudança concreta na maneira como nos relacionamos com o mundo.

Nesse contexto, as Ciências e seus múltiplos saberes desempenham um papel fundamental na compreensão do universo e na promoção do bem-estar coletivo. Sem o conhecimento, permaneceríamos nas “trevas” da incerteza, sem os meios necessários para transformar a realidade. O avanço científico não nos distancia da busca pelo sentido da existência, mas, ao contrário, nos permite compreender melhor as leis que regem a criação, tornando-nos participantes ativos na contínua evolução sociocultural histórica da sociedade.

Embora o conhecimento científico não trate diretamente das questões espirituais, ele nos oferece as ferramentas necessárias para lidar com a realidade de uma maneira mais eficiente e responsável. A ciência, ao desvendar as leis naturais, nos dá meios para transformar o mundo, afastando-nos da “ignorância” que nos limita. O avanço científico, longe de ser incompatível com a busca espiritual, complementa essa jornada ao nos permitir entender melhor o cosmos e a criação em sua totalidade, aproximando-nos de uma compreensão mais ampla do divino.

Portanto, o paradoxo da compreensão de Deus, entre o finito e o infinito, nos obriga a repensar as fronteiras entre razão e misticismo. Ao tentar compreendê-lo, nos deparamos com os limites de nossos próprios conceitos e com a subjetividade da experiência humana. O conhecimento nos aproxima do divino, mas também nos lembra de que há sempre algo além do que podemos conceber. Esse paradoxo não é uma falha no conhecimento, mas uma oportunidade para transcender nossos limites e continuar nossa busca pelo significado e pela verdade, sabendo que a essência do divino está sempre além de nossa capacidade de conceber.

O CONHECIMENTO COMO CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO

Quando deixamos de buscar o conhecimento, de certa forma, desistimos de viver e nos condenamos a um estado de inércia intelectual e existencial. Isso pode nos levar a uma visão limitada da realidade, onde suposições e interpretações superficiais formam o pensamento limitando nosso entendimento. O conhecimento não é apenas uma ferramenta para compreender o mundo ao nosso redor; ele é também o motor da motivação da transformação pessoal e da evolução de nossa percepção da realidade.

Ao interromper essa busca, limitamo-nos a uma visão estreita da vida, onde suposições e interpretações superficiais dominam nosso entendimento, impedindo-nos de enxergar as nuances e a complexidade do mundo em que vivemos.

Frases como “tal empregada tem uma vida muito repetitiva” ou “agora que cheguei nesse ponto, o que farei com esse conhecimento?” revelam não apenas uma estagnação, mas também uma postura resignada diante da vida e da aprendizagem. Essa atitude reflete um tipo de pensamento recorrente, em uma postura passiva, no qual o indivíduo se contenta com o que já foi alcançado, sem buscar um caminho diferente ao longo da vida. Dessa forma, há uma desistência do processo de crescimento intelectual e pessoal, aprisionando o indivíduo em um ciclo de conformismo.

Ao se acomodar com um conhecimento superficial ou considerar que já alcançou o limite do aprendizado, o ser humano se afasta da busca pelo novo, pelo desafio e pela expansão de suas capacidades. Quando aceitamos que chegamos ao “limite” do nosso entendimento, colocamo-nos em uma posição de estagnação, onde a vida parece se resumir a um caminho repetitivo e previsível, sem espaço para inovação e descoberta.

No entanto, o ato de aprender não é um destino, mas uma jornada. É uma trajetória contínua que exige curiosidade, questionamento e disposição para abandonar certezas em busca de novos horizontes. O verdadeiro crescimento intelectual e pessoal só ocorre quando somos capazes de ultrapassar a ideia de que já sabemos tudo e permanecemos abertos às novas experiências e informações que surgem ao longo do caminho. Nesse processo, o conhecimento se torna uma ferramenta não apenas para entender o mundo de maneira mais precisa, mas para transformar a nossa própria maneira de existir nele.

A desistência do conhecimento é, portanto, um bloqueio da capacidade de transformação. Ao abdicar do desafio constante do aprendizado, estamos nos entregando a um estado de inatividade existencial, onde o progresso pessoal é interrompido e a visão da vida se torna reduzida, limitada e, por fim, vazia. A verdadeira realização humana surge quando nos permitimos questionar constantemente o que sabemos, buscar novas formas de compreender a vida e, por meio disso, nos tornar versões mais completas e conscientes de nós mesmos. Em vez de ver o conhecimento como algo que chega a um fim, devemos vê-lo como um caminho sem fim, sempre aberto, sempre transformador, em atividade.

Para aqueles que abandonam a busca pelo conhecimento, o Mito da Caverna, de Platão, oferece uma metáfora poderosa. Na alegoria, os prisioneiros acorrentados dentro da caverna veem apenas sombras projetadas na parede, acreditando que essa é a única realidade existente. Quando um deles consegue se libertar e sair da caverna, ele percebe que há um mundo muito maior e mais complexo do lado de fora, iluminado pela luz do sol – que representa a verdade e o conhecimento. No entanto, ao tentar compartilhar essa descoberta com os outros prisioneiros, ele é rejeitado e desacreditado. Essa metáfora ilustra a resistência que muitas pessoas têm à busca pelo saber, preferindo permanecer na segurança das ilusões e certezas pré-construídas (Platão, 2006).

Essa visão entra em confronto direto com a perspectiva de Pseudo-Dionísio, o Areopagita, para quem o verdadeiro conhecimento de Deus só pode ser alcançado por meio da negação de todas as coisas e da entrada na “treva do não-conhecimento”. Enquanto Platão propõe um caminho ascendente rumo à luz da verdade, Areopagita propõe um caminho de despojamento, onde o ápice da sabedoria está na aceitação do mistério e na superação de qualquer conceito racional sobre o divino. Assim, há um aparente paradoxo entre os dois: enquanto Platão vê o conhecimento como libertação e iluminação, Areopagita vê a negação do conhecimento como a única forma de se aproximar do absoluto.

Entretanto, esses pensamentos podem ser conciliados se compreendermos que existem diferentes tipos de conhecimento. O conhecimento humano e científico – defendido por Platão – nos permite compreender o mundo e progredir como sociedade, afastando-nos da ignorância e da passividade. Já o conhecimento místico – defendido por Areopagita – nos ensina a humildade diante do que é inatingível, lembrando-nos de que há limites para a razão humana. Juntas, essas perspectivas nos mostram que a busca pelo saber é essencial para a experiência humana, seja para compreender a realidade material ou para aceitar os mistérios do transcendente.

As Trevas na Filosofia Espiritual e Religiosa

A noção de “trevas” é abordada em diversas tradições espirituais e filosóficas, sendo interpretada de maneiras distintas, mas sempre relacionada a estados de ignorância, sofrimento ou transcendência. No Espiritismo, as trevas são compreendidas como um estado de afastamento da luz divina, marcado por sofrimento moral e necessidade de evolução. No Budismo, as trevas correspondem à ignorância (*avidyā*), que mantém os seres presos ao ciclo de renascimentos (*samsara*). Já na mística cristã, representada por Pseudo-Dionísio Areopagita, as trevas são vistas como uma realidade transcendente, que supera até mesmo a luz comum para expressar a união mística com Deus.

Por mais que queiramos compreender o significado das trevas no pós-vida, antes seria interessante conceituá-las no mundo dos vivos. Nesse contexto, as trevas podem ser entendidas como sinônimo de ignorância, não apenas no sentido intelectual, mas sobretudo no aspecto espiritual: viver de forma inconsciente, desconectado da verdadeira natureza divina e dos princípios elevados da existência. Isso significa que possuir uma formação acadêmica ou um alto grau de instrução não é, por si só, um indicativo de luz. A verdadeira luz não está na mera acumulação de conhecimento, mas no estado consciente de religação com Deus e com os reinos divinos.

Dessa forma, as trevas não representam apenas a ausência de iluminação material ou intelectual, mas a falta de uma consciência desperta para a realidade espiritual. Apesar das diferenças conceituais entre as tradições, todas convergem na ideia de que esse estado de escuridão não é eterno ou irreversível, mas sim uma condição transitória que pode ser superada por meio do aperfeiçoamento espiritual. A luz, nesse sentido, é o despertar da consciência e a busca pela verdade que conduz à evolução e à comunhão com o sagrado (Xavier, 2008).

No Espiritismo, codificado por Allan Kardec no século XIX, as trevas são compreendidas como um estado espiritual de sofrimento e ignorância, resultante da desconexão com as leis divinas. Esse estado não é um local físico, mas uma condição da consciência, onde espíritos presos a vícios e sentimentos inferiores experimentam angústia e confusão. Essa ideia se assemelha ao conceito do Umbral, popularizado por obras mediúnicas como *Nosso Lar*, de Chico Xavier, onde espíritos desencarnados que ainda carregam fortes laços com suas paixões terrenas permanecem temporariamente até iniciarem sua regeneração (Xavier, 1992).

Para sair desse estado, é necessário que o espírito busque aprendizado e transformação moral, o que pode ocorrer com o auxílio de espíritos superiores e por meio da reencarnação. Segundo Kardec, a evolução espiritual é inevitável, e nenhum ser está condenado eternamente às trevas. O sofrimento experimentado é apenas uma consequência das escolhas do espírito, servindo como estímulo para sua regeneração e progresso rumo à luz (Kardec, 2013).

Dentro dessa perspectiva, a moralidade surge como uma bússola que nos aproxima da luz ou das trevas. Mas o que seria, nesse contexto, a moralidade? Trata-se do caminho para a transcendência, onde bons atos e ações nos conduzem à luz e à proximidade da Verdade, enquanto o oposto nos distancia da Luz e nos coloca no caminho da Falsidade. Essas escolhas diárias moldam nossa jornada espiritual, e a moralidade se constrói a partir das experiências e vivências que nos levam a desenvolver a justiça e a retidão.

Vale ressaltar que, segundo relatos espirituais e médiuns com percepções sensíveis, os estados espirituais refletem-se energeticamente. Espíritos iluminados irradiam luzes coloridas ao seu redor, enquanto espíritos em estados de sofrimento ou ignorância manifestam uma névoa escura. Aqueles que possuem sensibilidades visuais podem perceber essas manifestações na forma de aura, uma emanção sutil que expressa o estado espiritual de cada indivíduo. Dessa forma, a luz e as trevas não são apenas conceitos abstratos, mas realidades perceptíveis para aqueles que desenvolveram sua sensibilidade espiritual.

No Budismo, as trevas simbolizam a ignorância (*avidyā*), um estado de ilusão que impede a compreensão da verdadeira natureza da realidade e mantém os seres presos ao sofrimento (*dukkha*) e ao ciclo de renascimentos (*samsara*). Diferente da visão moralista do Espiritismo, essa ignorância não é um mal a ser punido, mas um equívoco a ser superado pela sabedoria (*prajñā*) (Rahula, 1974).

A moralidade, nesse contexto, é definida pelo Nobre Caminho Óctuplo, que orienta a conduta correta por meio da visão correta, intenção correta, fala correta, ação correta, meio de vida correto, esforço correto, atenção plena e meditação correta. Esses princípios não apenas regulam as ações externas, mas também conduzem à purificação interna, permitindo que o indivíduo supere os ciclos de sofrimento e avance em direção à iluminação.

A sabedoria surge do conhecimento, seja ele popular ou acadêmico, pois ambos contribuem para a expansão da compreensão sobre a realidade e o aperfeiçoamento do discernimento. No Budismo, não basta apenas acumular informações;

é necessário transformar o conhecimento em prática, aplicando-o na vida cotidiana para dissipar a ignorância e alcançar a verdadeira iluminação. Dessa forma, tanto o saber tradicional quanto o conhecimento formal podem servir como ferramentas para a libertação, desde que conduzam ao desenvolvimento da consciência e da ética.

A sabedoria emerge do conhecimento, seja ele popular ou acadêmico, pois ambos desempenham papéis essenciais na expansão da nossa compreensão sobre a realidade e no aprimoramento do discernimento. O conhecimento, por si só, é uma base fundamental, mas é na maneira como o aplicamos que ele se transforma em sabedoria em ação prática. Não se limita à acumulação intelectual, mas se manifesta quando aplicamos o conhecimento para dissipar a ignorância, cultivar virtudes e alcançar a iluminação. Todavia, o conhecimento não é um fim em si mesmo, mas um meio para se libertar das ilusões e do sofrimento que caracterizam a condição humana.

Essa visão ressoa estranhamente no mundo contemporâneo, onde frequentemente nos vemos imersos em uma busca incessante por informações. Em muitas áreas da vida, a ênfase é colocada na acumulação de dados e fatos, como se o simples ato de saber fosse suficiente para transformar a realidade. Contudo, a transformação só ocorre quando esse saber é incorporado à nossa vivência, influenciando nossas atitudes, nossas relações e nosso comportamento. Esse processo de internalização do saber não se limita às palavras, mas busca um estado de transformação interna e contínua do ser.

Da mesma forma, tanto o saber tradicional quanto o conhecimento formal podem contribuir para o desenvolvimento da consciência e da ética, desde que não se tratem apenas de respostas intelectuais, mas de uma vivência transformadora que nos permite agir de maneira mais sábia e compassiva. No fim, a sabedoria passa por processos de ressignificação, um saber adquirido de como viver, para que possamos, de fato, experimentar a liberdade e a iluminação que transcendem as limitações do Ego e da ignorância.

Na tradição cristã mística, a noção de trevas adquire um significado paradoxal, distinto daquele encontrado no Espiritismo ou no Budismo. Para Pseudo-Dionísio Areopagita, filósofo cristão do século VI, as trevas supremas não representam ignorância ou sofrimento, mas uma experiência transcendental da presença divina. Essa visão faz parte da Teologia Apofática, que busca conhecer Deus não pelo que Ele é, mas pelo que Ele não é, rejeitando qualquer tentativa de descrevê-Lo através de conceitos limitados e humanos.

Segundo Pseudo-Dionísio, Deus⁵ está além de toda forma de conhecimento e percepção. Sua natureza é tão sublime que não pode ser captada pela razão ou pela experiência sensorial, pois qualquer tentativa de defini-Lo inevitavelmente O

5 Deus segundo a Teologia Mística de Meister Eckhart retoma, de forma significativa, a tradição negativa de Pseudo-Dionísio Areopagita. Em seus Sermões Alemães, Eckhart propõe um Deus além de toda imagem ou conceito, acessível apenas pelo esvaziamento interior. Sua afirmação "Peço a Deus que me livre de Deus" sintetiza essa busca pelo divino sem forma, em continuidade com a via negativa, onde o mistério é revelado no silêncio da alma (Eckhart, 2006).

reduz à compreensão humana. Assim, a “treva mais que luminosa” representa um estado em que a alma, esvaziada de todo conhecimento discursivo e racional, se rende ao mistério absoluto e alcança a união mística com Deus. Esse processo exige desapego, silêncio interior e um esvaziamento do ego, permitindo que a presença divina se revele não por meio da lógica, mas na sua essência em contemplação pura (Areopagita, 1996).

Na concepção da Teologia Mística, a realidade espiritual transcende a escuridão por ser uma outra visão de mundo onde conceitos humanos não são capazes de ser um portal para uma experiência que nos aproxima do divino. A compreensão da verdade exige ir além das ilusões do intelecto, que não pode ser expressa por palavras ou categorias mentais, sabedoria, nesse contexto, não reside na acumulação de conceitos, mas na capacidade de ir além das construções lógicas da racionalidade humana, abraçando o mistério com humildade e entrega.

A diversidade de interpretações sobre as trevas mostra que esse conceito vai além de uma definição única. De acordo com diferentes doutrinas religiosas, as trevas podem simbolizar desde o sofrimento espiritual e as ilusões da mente até uma experiência mística e transcendente. No entanto, como observa Pseudo-Dionísio Areopagita, nossa compreensão é restrita pelo conhecimento imediato, e o que chamamos de “trevas” pode, na verdade, representar um estado de realidade superior, desafiando-nos a olhar além das aparências e dos conceitos habituais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a Teologia Mística nos dias de hoje é permitir-se caminhar por territórios menos delimitados, onde o saber não está restrito aos muros da ortodoxia religiosa ou científica. Trata-se de acolher a experiência espiritual como um fenômeno vivo, que atravessa culturas, tradições e consciências, sem a pretensão de controlar o inefável. A contemporaneidade convida essa teologia a abandonar o exclusivismo doutrinário, abrindo-se para uma escuta mais ampla — talvez mais empírica, talvez mais silenciosa — daquilo que se manifesta como Sagrado em muitas religiões e culturas ao longo da história.

Neste novo horizonte, as fronteiras entre fé e ciência tornam-se porosas e novas interligações surgem. A mística encontra eco nas terapias integrativas, nas práticas meditativas, nos estados ampliados de consciência e até mesmo nos avanços da neurociência, que começa a reconhecer que há na experiência espiritual algo que escapa à objetividade dos números e gráficos. A espiritualidade, compreendida não como crença, mas como vivência, emerge como uma possibilidade legítima de cura, de reencontro, de transcendência e emancipação do ser humano.

Cada escolha teológica e espiritual abre um leque de possibilidades, como ramos de uma árvore que se expande em direções inesperadas. A Teologia Mística, longe de ser uma doutrina fixa, é um convite à experiência do divino por diferentes caminhos. Assim como na vida, onde cada decisão nos conduz a novas sendas, a busca pelo Sagrado também se desdobra em inúmeros percursos, nenhum

deles sendo o único ou definitivo. A teologia não erra; ela apenas aponta para diferentes formas de encontrar o Mistério, respeitando a infinitude do Sagrado e sua manifestação multiforme.

Além disso, uma proposta contemporânea para a Teologia Mística envolve o desenvolvimento das faculdades extrassensoriais e o resgate de práticas milenares das culturas de povos originários da África, Ásia, Américas e Europa. Essas tradições, muitas vezes marginalizadas e consideradas pagãs, oferecem caminhos ancestrais de conexão com o Sagrado, permitindo ao indivíduo expandir sua percepção e se reconectar com aspectos espirituais mais profundos da existência. Ao integrar esses conhecimentos ao pensamento místico, é possível estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, entre a tradição e a modernidade, construindo uma espiritualidade mais plural, integrativa e autêntica.

Nessa intersecção entre o antigo e o novo, entre o ritual e a pesquisa, que a Teologia Mística pode renascer. Não como um conjunto de respostas, mas como uma linguagem do Sagrado onde o mistério pode ser compreendido em suas sutilezas. Não para sistematizar o Divino, mas para nos lembrar que o mistério é, por si só, revelação que sai das “trevas” para se tornar “luz espiritual”. E que, às vezes, o silêncio e o abandono das certezas dogmáticas podem ser a forma mais honesta de teologia enraizada na universalidade, livre de fronteiras sem pertencimentos exclusivos.

Vivemos tempos de dispersão, de ruídos, de perdas de sentido e de polarizações ideológicas. Talvez por isso, mais do que nunca, se faça necessário um retorno ao Íntimo — não como fuga do mundo, mas como gesto de reconexão. A Teologia Mística pode ser esse caminho delicado e sutil, quase secreto, que não se impõe, mas revela-se à medida que o ser humano se entrega a mergulhar na própria interioridade e em cultivar a sua intimidade com Reinos Divinos.

Propomos, por fim, uma teologia que se permita encontrar caminhos, que ande descalça entre as tradições, sem a arrogância em se impor, que escute o invisível e respeite o que não se nomeia. Uma teologia que não pretende convencer, mas inspirar dentro de cada ser humano, em sua singularidade e em sua abertura aos mistérios. Que não tem pressa de chegar, porque sabe que o Sagrado, quando é verdadeiro, não se alcança — apenas se encontra em suas múltiplas manifestações espirituais e místicas, iluminando a sua jornada e a dos demais.

REFERÊNCIAS

ECKHART, Meister. **Sermões alemães**. Petrópolis: Vozes, 2006.

KARDEC, Allan [1857]. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2017.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

MEDIAEVALIA. TEXTOS E ESTUDOS. **Pseudo-Dionísio Areopagita**. Teologia

Mística. Versão e estudo complementar de M. Santiago de Carvalho, n.10. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1996.

PLATÃO. **A República**. Tradução por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 267.

RAHULA, Walpola. **What the Buddha Taught**. 2. ed. New York: Grove Press, 1974.

RUSSELL, Bertrand. **Mathematical Logic as Based on the Theory of Types**. American Journal of Mathematics, v. 30, p. 222-262, 1908.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso Lar**: pelo Espírito André Luiz. 45. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1992.

_____. **O consolador**. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.